

O projeto brasileiro de TV Digital: as mudanças nas mensagens através da teoria *mcluhiana*

Mateus Dias Vilela1
mateusdvilela@gmail.com

Resumo

O trabalho a seguir busca discutir sobre o projeto brasileiro de TV Digital nas suas mudanças de som e imagem, bem como, na inclusão da interatividade e, por conseguinte, no fim dos conteúdos lineares. Para entender as transformações que a migração da tecnologia analógica para a digital trará às mensagens televisivas usar-se-á a teoria *mcluhiana* que coloca as inovações tecnológicas como elementos centrais nas mudanças de como percebemos as mensagens e de como moldamos nossos comportamentos.

Palavras-chave: TV digital. Projeto brasileiro. Mensagens. Mudanças.

The Brazilian projects on Digital TV: Changes in messages through the McLuhan's theory

Abstract

The work seeks to discuss, through the Brazilian project, the changes in a Digital TV in questions of sound and image, as well as the inclusion of interactivity and therefore the end of the linear content. To understand the changes that migration from analog to digital television will bring the message will use the McLuhan theory that puts technological innovation as key changes in how we perceive the messages and how we shape our behavior.

Keywords: Digital TV. Brazilian project. Messages. Changes.

¹ Graduado em Artes Visuais – Bacharel em Design Gráfico pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Editor de Arte e Design - Revista Sessões do Imaginário. Mestrando em Comunicação Social - PUCRS. Bolsista CNPQ.

Introdução

O interesse humano pela captura e difusão de imagens vem desde os tempos mais remotos e com as mais variadas funções. As tentativas de aproximação do real e de ilusão do movimento evoluíram concomitantes à fixação humana pela imagética culminando na invenção do cinema. Baseados nas invenções e em experimentos já realizados, Auguste e Louis Lumière, os irmãos Lumière, inventaram o cinematógrafo, um aparelho capaz de filmar, revelar e projetar. Através desse equipamento, em 1895, é exibido pela primeira vez uma imagem em movimento a uma platéia. A chegada do trem na estação (*L'Arrivée d'un train à La Ciotat*, no original) foi um dos primeiros filmes a serem exibidos publicamente. O filme, de apenas 50 segundos, apresenta um plano em perspectiva diagonal e mostra a movimentação da estação e a saída do trem. Apesar de simples, para os padrões contemporâneos, a película causou comoção na platéia fazendo com que muitas pessoas corressem por acreditar que o trem iria avançar sobre elas.

Partindo dos avanços e experimentos do cinema e de estudos em matemática, física e química, vários cientistas começaram, por volta de 1840, a estudar a possibilidade de transmitir imagens a uma grande distância. Em 1920, o escocês John L. Baird empregou as várias tecnologias já desenvolvidas para transmissão imagética e montou um dos primeiros modelos de televisão. Ao contrário das tentativas anteriores, esse estudioso conseguiu aprimorar consideravelmente a nitidez da imagem e do som com o aparelho por ele produzido.

Faz-se ressalva aos papéis do sueco Jakob Berzelius que descobriu e isolou o selênio, além de observar a fotossensibilidade que o elemento despande quando exposto a energia luminosa e do inglês Willoughby Smith que, 56 anos mais tarde, em 1873 desenvolveu e provou a tese de que o selênio poderia transformar a luz em energia elétrica².

Através de uma série de reparos, durante a década de 1930, a televisão ganhou finalidade comercial, tendo uma de suas primeiras grandes transmissões nos Jogos Olímpicos de Berlim, em 1936, quando a difusão começou a tornar-se mais regular. A partir da Segunda Guerra Mundial o uso da televisão, inclusive com finalidades bélicas, cresceu exponencialmente agregando, posteriormente, tecnologias ligadas à cor em 1954, pela rede norte americana *NBC*.

² Disponível em: <<http://www.portalsaofrancisco.com.br/>>. Acesso em: 23 maio 2011.

No Brasil, o primeiro canal inaugurado, segundo Paternostro (*apud* MAIA, 2007, *online*)³, foi a PRF-3/TV Tupi em 18 de setembro de 1950, que sob o comando do jornalista Assis Chateaubriand, na sua primeira transmissão chegou a pouco mais de 100 televisores na cidade de São Paulo, aparelhos esses, comprados e distribuídos pelo próprio jornalista. Segundo Fagundes (2009) o modelo de televisão brasileiro surgiu como uma derivação do rádio e de investimentos empresariais, dando origem assim, a uma televisão voltada essencialmente para o público urbano.

Diariamente, a televisão leva seu conteúdo para cerca de 46 milhões de lares brasileiros⁴ e, segundo José S. Fagundes (2009), é um fenômeno de audiência obtendo, assim, um “grande impacto na sociedade nos últimos 50 anos” (FAGUNDES, 2009, p.55). Em porcentagens, a TV chega a mais de 95% dos domicílios brasileiros⁵, número que espera um aumento de mais de 80 milhões de aparelhos com a chegada da TV Digital. Dessa forma, o meio televisivo é o meio com maior credibilidade em todas as classes sociais (média de 3,86 em uma escala de 1 a 5, sendo 1 discorda e 5 concorda)⁶.

Sem sofrer mudanças tecnológicas radicais desde a década de 1980, quando foi possível transmitir imagem e som dentro de um mesmo arquivo, a novidade fica por conta da televisão digital e as discussões sobre sua implantação no Brasil que começaram por volta de 1994, através das emissoras associadas a SET⁷ e a ABERT⁸.

1 O projeto de TV Digital brasileiro

O decreto 4.901 de novembro de 2003⁹, assinado pelo então presidente, Luís Inácio Lula da Silva, institui o Sistema Brasileiro de Televisão Digital (SBTVD), bem como esclarece os objetivos de promoção da inclusão social e cultural da população, democratização da informação, viabilização da transferência da TV analógica para a TV Digital e aprimoramento de áudio e vídeo, entre outros.

³ Disponível em: <<http://www.bocc.uff.br/>>. Acesso em: 14 out. 2009.

⁴ Pesquisa Nacional por amostragem de Municípios (IBGE, 2004).

⁵ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBOPE, 2008).

⁶ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBOPE, 2008).

⁷ Sociedade Brasileira de Engenharia de Televisão.

⁸ Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão.

⁹ Disponível em: <<http://sbtvd.cpqd.com.br/>>. Acesso em: 15 maio 2010.

Mas foi com o decreto 5.820¹⁰ de 2006 que as diretrizes da SBTVD foram mais delimitadas como a transmissão digital em alta definição (HDTV) e em definição padrão (SDTV); a transmissão digital simultânea para recepção fixa, móvel e portátil; e a interatividade, além da escolha pelo padrão de transmissão de sinais ISDB-T¹¹.

Numa Exposição de Motivos (EM)¹² feita pelo ministro das comunicações à época, Miro Teixeira, no ano de 2003, a TV Digital é colocada não apenas como uma evolução da TV analógica, mas sim, como uma nova plataforma de comunicação cujos impactos na sociedade ainda estão se delimitando.

A EM aborda ainda a transição das plataformas, afirmando que até 2016 será feita a transmissão nas duas tecnologias – digital e analógica – garantindo a escolha do melhor momento para adquirir os equipamentos de recepção do sinal digital e a manutenção da audiência das emissoras. Sendo assim, o projeto de televisão digital não pode ser visto somente como uma nova tecnologia visto que:

[...] construir um sistema de televisão digital é mais do que construir uma nova tecnologia. Trata-se da tarefa de edificar uma ágora, uma arena pública virtual onde se se comercializem de azeites a finas porcelanas, onde se discutam políticas públicas sobre os mais variados temas de interesse da comunidade e, sobretudo, onde as pessoas consigam recuperar a dignidade e a auto-estima (MOTA; TOME *apud* CARVALHO; IKEDA; CLETO, 2009, p. 256).

Dessa forma, o projeto de TV digital brasileiro carrega não somente os elementos técnicos dessa nova plataforma, mas ambiciona uma maior inclusão social da audiência, reduzindo a estratificação informacional. Vê, também, essa nova plataforma como capaz de produzir mudanças no conteúdo veiculado pelas emissoras.

2 A TV Digital pela teoria da comunicação *mcluhiana*

Marshall McLuhan (1964) enxerga os meios de comunicação como extensões do próprio homem e, acredita ser a sociedade, fascinada por qualquer extensão de si mesma em qualquer material que não seja imanente ao corpo humano (1964, p. 59). Dessa forma, é possível compreender a necessidade humana por desenvolver novas tecnologias, como é o caso da TV digital.

¹⁰ Disponível em: <<http://sbtvd.cpqd.com.br/>>. Acesso em: 15 maio 2010.

¹¹ *Integrated Services Digital Broadcasting Terrestrial*.

¹² Disponível em: <<http://sbtvd.cpqd.com.br/>>. Acesso em: 15 maio 2010.

Seguindo esse assunto, o autor coloca a mensagem de quaisquer meios ou tecnologias como sendo a “mudança de escala, cadência ou padrão [...] introduzida nas coisas humanas” (MCLUHAN, 1964, p. 22). Esclarece também, que o “meio é mensagem” porque ele controla e configura as proporções e as formas das ações humanas. McLuhan cita, inclusive, Kenneth Boulding quando afirma que o significado de uma mensagem é a mudança produzida por ela na imagem.

Atribuindo essa importância aos meios (que também são as mensagens), McLuhan põe as inovações tecnológicas como elementos centrais nas mudanças de como percebemos as mensagens e de como moldamos nossos comportamentos. O autor acrescenta que todo meio afeta de um “golpe o campo total dos sentidos” (MCLUHAN, 1964, p. 63). No livro *Os meios de comunicação como extensões do homem*, cita o exemplo da luz elétrica e argumenta que pouco interessa se a eletricidade iluminará um campo de futebol ou uma cirurgia, mas sim, como ela reconfigura os espaços, as relações e associações.

Sendo assim, com o advento dessa nova plataforma comunicacional, a TV digital, os telespectadores, segundo as idéias de McLuhan, terão uma nova forma de perceber a televisão e, associado a essa nova percepção, um novo comportamento perante a mesma. Através do movimento cubista¹³ o autor explica uma nova era: a da simultaneidade, na qual “os segmentos especializados da atenção deslocaram-se para o campo total”. (1964, p. 27). Essa simultaneidade, ao possibilitar a apreensão total e instantânea anuncia que “o meio é a mensagem”, ao mostrar que o telespectador não percebe somente um dos conteúdos transmitidos pela televisão, mas sim, um quadro geral do que é mostrado.

A chegada da TV Digital carrega consigo uma série de mudanças, e a resolução da imagem televisiva é um deles. Segundo Arlindo Machado (1995), a definição imagética é constituída por uma malha reticulada que exige um afastamento físico do telespectador para que essas retículas fiquem legíveis. São sempre 525 ou 625 linhas que compõem a imagem, o que significa dizer que, não importa o tamanho da tela, pois a resolução será a mesma. Já com a imagem da TV Digital de alta definição, chega-se a 1080 linhas no padrão *HDTV*, proporcionando uma maior visibilidade de todos os elementos da cena e possibilitando um novo olhar dos públicos sobre a imagem televisiva. O que antes, por não estar em primeiro plano, escondia-se, ou até mesmo, ocultava-se, com a nova

¹³ Movimento artístico do século XX que tratava as formas da natureza por meio de figuras geométricas, representando todas as partes de um objeto no mesmo plano.

tecnologia pode ser percebido e até mesmo tomar a atenção do elemento principal da cena. McLuhan, sobre a imagem televisiva, comenta que ela só pode fazer aproximações grosseiras da realidade, devido a sua baixa resolução que foge a uma possibilidade de “análise detalhada” (1964, p. 324).

Seguindo no assunto imagem, é válido perceber que as diferenças entre a imagem televisiva em alta definição e a imagem do cinema também parecem se anularem. McLuhan afirma que a imagética da TV de baixa resolução é também de baixa informação, visto que não é oriunda de uma tomada parada: o contrário do cinema. Essa aproximação das qualidades da imagem entre o cinema e a televisão faz o autor questionar-se sobre as mudanças televisivas:

Se alguém perguntasse se tudo isso não mudaria, caso a tecnologia acelerasse o caráter da imagem da TV até aproximá-la do nível de dados-informação do cinema, bastaria responder com a pergunta: ‘Podemos alterar uma caricatura, acrescentando detalhes de perspectivas, de luz e de sombras?’. A resposta é ‘Sim’ – só que já não seria mais uma caricatura. Nem a TV ‘aperfeiçoada’ seria mais televisão (MCLUHAN, 1964, p.352).

As variações nas resoluções transformam também a relação dos públicos com o conteúdo imagético, ou seja, a recepção. Segundo McLuhan o telespectador tende a “completar” a mensagem da imagem, devido à sua baixa resolução. Dessa forma a imagem em alta definição tende, assim como no cinema, a tornar os telespectadores mais passivos de ações ante a um atual público participante de reações. A Gestalt também perde importância nessa nova plataforma de comunicação, visto que no modelo atual “temos a supremacia dos delineamentos imprecisos, incentivo máximo ao crescimento e a uma [...] “completação” ou “fechamento”” (MCLUHAN, 1964, p.361). Arlindo Machado ratifica:

Essa imprecisão e essa abertura de certa forma explicam a atração que a televisão exerce sobre os espectadores, pois são as condições que possibilitam um novo tipo de envolvimento no espetáculo, ao mesmo tempo mais intenso e mais distanciado (MACHADO, 1995, p.92).

Mais adiante, o autor segue estabelecendo os paralelos entre a baixa e alta resolução, afirmando que a *HDTV* se dá à custa da “acomodação e do anestesiamiento do decodificador, que já recebe a informação pronta e carregada de módulos de ordem aos quais é impossível resistir” (1995, p. 61).

Outra questão a ser analisada é o enquadramento: os televisores deixarão definitivamente o formato quadrado com as bordas arredondadas em detrimento de um formato retangular mais próximo das telas de cinema. Alguns tipos de planos, antes não recomendados pela distorção da imagem e pela ausência da figuratividade – motivo pelo qual a televisão foi criada, segundo Arlindo Machado (1995) – agora podem ser explorados. Não há mais, portanto, a necessidade de trabalhar-se com “a decomposição analítica dos motivos, o desmembramento da cena numa série de detalhes indicadores de sua totalidade” (MACHADO, 1995, p.48). Mais uma vez temos a aproximação do cinema e da TV: os primeiros planos então característicos da televisão podem ser abandonados com a nova definição televisiva.

Por recuperar o tradicional retângulo largo do quadro renascentista¹⁴, na TV Digital as tomadas de paisagens podem ser mais claras, bem como os filmes que são exibidos na televisão – na sua grande maioria, oriundos do cinema – não perderão mais uma importante parcela de informações que eram cortadas pelo formato quadrado dos aparelhos. Ademais, as faixas pretas exibidas em vários televisores, também não existirão mais, devido ao novo formato dos suportes. Arlindo Machado abre uma discussão sobre esse novo formato dos aparelhos explicitando que em pesquisas realizadas junto aos públicos notou-se a preferência por formatos mais retangulares, mais próximos aos vistos nos cinemas. O autor acha essa preferência irônica e incongruente visto que o cinema cada vez mais apresenta redução no número de público.

Tem-se ainda a inclusão da interatividade: José Salustiano Fagundes (2009) comenta que a participação dos telespectadores nos programas de TV não é um conceito novo, mas que até então, está limitada ao uso de outras mídias como cartas, telefone e computador. Nos últimos anos, várias emissoras convidam os públicos a participar e/ou decidirem o rumo ou o conteúdo da programação através de votações por telefone e internet (TOLEDO, 2004 *apud* FAGUNDES, 2009, p.60).

Mark Gawlinski (2003 *apud* FAGUNDES, 2009) define o que chamamos de TV interativa como um espaço onde o usuário pode optar por um comportamento mais ativo frente ao conteúdo do canal de televisão, fazendo escolhas e realizando ações, o autor usa o conceito de *diálogo* ao se referir ao processo de interatividade. Outros autores, como Pagani (2003), acrescenta a noção de *canal de retorno*, que levaria as escolhas das reações dos usuários até o emissor do conteúdo. José S. Fagundes sobre o canal de retorno comenta:

¹⁴ A aproximação da TV Digital ao quadro renascentista também se dá pela maior fidelidade que a pintura tinha com o real através da introdução da perspectiva linear no movimento artístico em questão.

Com ou sem Canal de Retorno, o fato é que a TVDI traz uma mudança de paradigma em relação à TV analógica, por possibilitar que o canal de comunicação deixe de ser unidirecional, passando a ser bidirecional. Na prática, o usuário vai utilizar o controle remoto da TV – e não mais apenas o telefone ou o computador – para ter um maior controle da experiência de assistir televisão, podendo fazer escolhas na programação, solicitar e receber respostas das emissoras (FAGUNDES, 2009, p.61).

Com a interatividade temos então um processo comunicacional autêntico, segundo Melo (2005 *apud* CARVALHO; IKEDA; CLETO, 2009, p.267), por superar o dilema da unilateralidade da mídia, possibilitando um *feedback*¹⁵ por parte das audiências, caracterizando um processo de comunicação de mão dupla entre emissores e receptores.

Outro ponto que muda com a interatividade é a linearidade da televisão. O fato das cenas interativas não serem sequenciais torna os programas não-lineares. Segundo Luiz Fernando Gomes Soares (2009) esse fato muda o paradigma utilizado pelos produtores de conteúdo: “o sincronismo temporal dos vários objetos e das diversas cenas não pode mais ser realizado com base em uma linha do tempo, pois é impossível saber o instante exato de alguns eventos [...] como a interação do usuário” (SOARES, 2009, p. 118).

Cabe mencionar, por fim, a acessibilidade através de televisores móveis e em celulares. Apesar da facilidade de sintonização a recepção portátil altera a forma de consumo da televisão. O formato da tela e a resolução mudam, além da demanda de informações, “pois o tempo de audiência varia muito em relação à audiência da sala de TV” (BECKER, 2007, p. 10, *online*¹⁶). Dessa forma, pensar televisão em formatos menores, e diferentes do retângulo renascentista, é um desafio visto que a quantidade de informações visuais é alterada devido ao meio em que o conteúdo televisivo é exibido.

Considerações Finais

Portanto, muitas são as mudanças que a nova plataforma, a TV digital, traz às mensagens, em todos os âmbitos, corroborando assim, a teoria de Marshall McLuhan (1964) que afirma que os meios são as mensagens e que as mensagens são as mudanças que os meios causam na vida das pessoas. Seja a qualidade de imagem que altera a condição do espectador que não precisa mais “preencher” o conteúdo visual da televisão, transformando o consumo imagético mais passivo, seja

¹⁵ Feedback é um termo do inglês que significa retorno.

¹⁶ Disponível em: <<http://portal.fucapi.br/>>. Acesso em: 2 maio de 2011.

no formato dos aparelhos que permitem novos tipos de plano a serem explorados, além da possibilidade de inclusão de mais elementos em cena, aproximando assim, a televisão do cinema.

Em contrapartida da passividade do consumo da imagem temos o comportamento ativo ante a interatividade que pode aproximar cada vez mais os públicos da televisão, dando a possibilidade de cada usuário ter uma programação mais personalizada, escolher os rumos dos conteúdos e informações dos programas, além de informações extras acessadas mediante interesse do usuário. A nova plataforma, eliminando ainda, a linearidade do conteúdo televisivo, a preparação desses mesmos conteúdos e a formação dos profissionais ligados a televisão.

Cabe salientar a possibilidade de o conteúdo televisivo deixar o típico ambiente caseiro e ganhar as ruas através dos celulares e televisores portáteis. É claro, que a internet já disponibiliza grande parte dos programas de televisão, mas com essa nova tecnologia é possível, além do acesso imediato a eles, um maior controle sobre a audiência, além do uso da, já mencionada, interatividade. Sobre as novas possibilidades da TV digital, Becker (2007) acrescenta:

Fechando as novas possibilidades de distribuição de conteúdo, a interatividade trata de meios adicionais de fidelização do telespectador, com conteúdos oferecidos adicionalmente visando tornar a produção audiovisual ainda mais atrativa. Essa interatividade pode se manifestar de várias formas, formatos e meios. No caso da audiência a programas de alta definição com interatividade suportando multidispositivos, a experiência “ver TV” é individualizada, com cada telespectador participando da forma que achar melhor. Dessa forma, o conteúdo audiovisual é único, mas as aplicações interativas, incluindo publicidades, podem ser individuais, dependendo do perfil do, agora sim, usuário que está manuseando o equipamento de interação. [...] As possibilidades dessa tecnologia para novos conteúdos, incluindo publicidade, são inúmeras, quicá infinitas (BECKER, 2007, p. 11, *online*¹⁷).

A TV digital mudará, e está mudando, o hábito de como se assiste televisão. Abandonando a postura passiva e pouco interativa (no consumo das informações) para adentrar num sistema tipicamente comunicacional, onde o telespectador pode ter retorno imediato de suas intervenções, além de pesquisar conteúdos, ter mais qualidade imagética, entre outros. Vale reforçar que, segundo Manuel Castells (1999, *online*¹⁸), baseado em McLuhan (1964), a tecnologia não determina a sociedade, dado que a tecnologia é a sociedade e a que a sociedade não pode ser vista ou representada sem as tecnologias que a ela pertencem.

¹⁷ Disponível em: <<http://portal.fucapi.br/>>. Acesso em: 2 maio de 2011.

¹⁸ Disponível em: <<http://profmachado.blogspot.com/>>. Acesso em: 23 maio de 2011.

Referências

- BECKER, Valdecir. TV digital e a interatividade: impacto na sociedade. **T&C Amazônia**, Amazônia, volume 12, ano V, out. 2007. Disponível em: <<http://portal.fucapi.br/>>. Acesso em: 2 maio de 2011.
- BRASIL. Decreto-lei no 4.901, de 26 de novembro de 2003. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, 26 nov. 2003. Seção 1. Disponível em: <<http://sbtvd.cpqd.com.br/>> . Acesso em: 15 mai. 2010.
- BRASIL. Decreto-lei no 5.820, de 29 de junho de 2006. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, 29 jun. 2006. Seção 1. Disponível em: <<http://sbtvd.cpqd.com.br/>> . Acesso em: 15 mai. 2010.
- CARVALHO, Juliano; IKEDA, Patrícia; CLETO, Gabriela Estefano Reis. Televisão Digital: uma perspectiva histórica. In: **1º Simpósio Internacional de Televisão Digital (SIMTVD)**, 2009, Baurú. P. 256-270.
- CASTELLS, Manuel. **Sociedade em rede – entrevista com Manuel Castells**: depoimento. [5 de julho, 1999]. São Paulo, *online*. Entrevista concedida ao programa Roda Viva. Disponível em: <<http://profmachado.blogspot.com/>>. Acesso em: 23 maio de 2011.
- FAGUNDES. José Salustiano. TV Digital: convergência e interatividade. In: FERNANDES, M.; BARBOSA, M.; MORAIS, O. J. de (Org). **Comunicação, Educação e Cultura na Era Digital**. São Paulo: Intercom, 2009. p 55-70.
- História da Televisão**. Disponível em: <<http://www.portalsaofrancisco.com.br/>>. Acesso em: 23 maio 2011.
- MACHADO, Arlindo. **A arte do vídeo**. São Paulo: editora Brasiliense, 1995.
- MAIA, Wander Veroni. **Edição no Jornal Nacional e Jornal da Record**: Uma análise comparativa a partir dos critérios de noticiabilidade dos telejornais de rede. Belo Horizonte: *online*, 2007. Disponível em: <<http://www.bocc.uff.br/>>. Acesso em: 14 out. 2009.
- MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: editora Cultrix, 1964.
- PAGANI, M. **Multimedia and Interactive Digital TV: managing the opportunities created by digital convergence**. Bocconi University, Italy: IRM Press, 2003.
- SOARES, Luiz Fernando Gomes. Gíngua-NCL e a democratização da produção de conteúdo. In: FERNANDES, M.; BARBOSA, M.; MORAIS, O. J. de (Org). **Comunicação, Educação e Cultura na Era Digital**. São Paulo: Intercom, 2009. p 113-128.
- TEIXEIRA, Miro. **Exposição de Motivos: TV Digital**. Brasília: 2003. Disponível em: <<http://sbtvd.cpqd.com.br/>> . Acesso em: 15 mai. 2010.